

ANÁLISE LINGUÍSTICO-ARGUMENTATIVA DE UM LIDE EM LIVRO DIDÁTICO DO 9º. ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Cláudia Ribeiro de Andrade Siqueira
Doutorado/UFF
Orientadora: Lygia Maria Gonçalves Trouche

O artigo tem por finalidade estudar as estratégias argumentativas, especificamente, os modalizadores, os índices polifônicos, os pressupostos e os subentendidos, como mecanismos que irão desvelar a ideologia presente em um texto de abertura, ou lide¹, “A conquista do amor impossível”, que abre o capítulo 1, da unidade 2 “Amor”, do livro didático do 9º. ano, *Português linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

A teoria linguística adotada se fundamenta na articulação entre a sintaxe do texto (Koch), os postulados funcionalistas (Moura Neves) e a semântica linguística (Ducrot). Outros autores como Cavaliere (2009) e Cabral (2010) também contribuíram fortemente para a constituição deste trabalho.

Este assunto atrai de forma significativa a pesquisadora: o estudo das marcas de enunciação, que revelam o posicionamento, a atitude do enunciador em relação ao enunciado, bem como o conteúdo que está implícito ou subentendido. Desta forma, o uso do “adjetivo tal”, ao invés do outro, ganha sentido particular no contexto em que está inserido; a escolha da conjunção de oposição “X”, onde também poderia estar a “Y”, traz consigo marcas de um discurso em que se projeta um sujeito, um posicionamento, papéis e ideologias que estão na linguagem e provocam o efeito de persuasão no interlocutor, ou enunciatário, que, muitas vezes, se vê absolutamente envolvido, seduzido pela forma como os conteúdos lhes são apresentados.

Assim, relevância do estudo dessas marcas linguísticas de caráter argumentativo está no fato de estas se constituírem em pistas que permitem verificar processos constitutivos de formas de manipulação discursiva.

Suporte teórico

O enfoque deste estudo recai sobre a análise do lide “A conquista do amor impossível”, que antecede a crônica de Clarice Lispector “Felicidade Clandestina”, no livro didático, portanto, a parte teórica será apresentada de forma resumida.

A modalização

É o estudo do modalizador, marca linguística que detém a opinião do enunciador sobre aquilo que foi enunciado. Os modalizadores tornam transparente a não neutralidade intrínseca ao ato discursivo, pois que a “todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo”, ainda que a da sua própria objetividade”. (Koch, 1996: 19)

Segundo Moura Neves (2002: 173-179), várias categorias da língua podem possuir conteúdo modal: a) verbos, b) advérbios, c) adjetivos, d) substantivos e, ainda, e) as categorias gramaticais (tempo/aspecto/modo).

Koch (1996: 86-87) destaca também que a língua oferece os chamados operadores modais, tipos de lexicalização: verbos de atitude proposicional, entonação, operadores argumentativos etc. Também as palavras denotativas e termos afins foram estudados (CAVALIERE, 2009), bem como a noção de escala argumentativa de Ducrot (1981).

Há três noções de modalidade estudadas por Kiefer (1987, apud Moura Neves, 2002: 172) que também foram consideradas:

a) Expressão de possibilidade e necessidade: deôntica (ideias de permissão, obrigação e volição), epistêmica (valores de compromisso, verdade, crença, probabilidade, certeza e evidência em relação ao enunciado os indefinidos graus do possível) e alética (engloba valores que vão do necessário > impossível). Ex.: Tem que se vestir mais formalmente (obrigação – modalidade deôntica); Ele soube que ela comprou um carro novo (verdade necessária – modalidade epistêmica) e Quem não tem competência, não se estabelece (nível do ser: capacidade moral – modalidade alética);

b) Expressão de atitudes proposicionais: refere-se aos verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completiva. Ex.: Sofreram bastante ao realizarem a pesquisa (estado emocional + oração completiva);

c) Expressão de atitudes do falante: qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o falante faz de um estado de coisas. Ex.: Felizmente o caso foi resolvido (qualificação emotiva).

Como se observa, a modalidade é um assunto complexo, que se expressa através de marcas linguísticas bastantes variadas na língua.

Os índices polifônicos

Referem-se à presença de uma pluralidade de sujeitos que desempenham papéis nos jogos manipulativos através da linguagem: o sujeito empírico (λ = a pessoa, ser real, material), que não interessa à análise linguística; o locutor (L), que é o responsável pelo enunciado, o eu do discurso; e os enunciadores (E1, E2 etc.), responsáveis por imprimir os pontos de vista no discurso. O locutor dá existência aos enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e atitudes (Ducrot, 1984, *apud* Koch, 1998). Dois tipos de polifonia são identificados: a) Quando há mais de um locutor (intertextualidade explícita: discurso relatado, citação, referências, argumentação por autoridade etc.); b) Quando, no mesmo enunciado, se tem mais de um enunciador (intertextualidade implícita: pressuposição, certos tipos de parafraseamento etc.).

Os pressupostos e os subentendidos

São duas categorias de procedimento de implicação de conteúdos. Os pressupostos aparecem inscritos na significação dos elementos que compõem o enunciado; já os subentendidos não estão inscritos no enunciado, dependem de um raciocínio do interlocutor para serem construídos discursivamente. Observem-se os exemplos: Ex.: Paulo parou de fumar. “Põe” que Paulo não fuma e “pressupõe” que Paulo fumava antes; Ex.: — Pedro, você chegou cedo hoje. (subentendido: Pedro, sabendo que está constantemente em atraso, pode entender que está sendo acusado de estar sempre atrasado e responder: — Você está dizendo que eu costumo me atrasar?).

Análise

Com base nos pressupostos teóricos apresentados, a pesquisa propõe-se a: a) Analisar a direção ideológica do tema presente no lide, a partir das marcas linguísticas de opinião; b) Com referência ao locutor (L), constatar sobre a sua posição institucional, considerando a sua projeção nos enunciados; bem como a presença de enunciadores (sujeitos\papéis) projetados por ele nesses discursos; c) Analisar as marcas linguísticas que se constituem em índices polifônicos, buscando desvelar o jogo manipulativo através da linguagem, formado pela pluralidade de sujeitos presentes no discurso; d) Evidenciar os pressupostos e subentendidos e e) Investigar se os mecanismos linguísticos de modalização mais recorrentes são os de caráter icônico, como substantivos, adjetivos e verbos de significação plena. Segue o lide para análise e um quadro para facilitar a compreensão da estrutura do enunciado.

A conquista do amor impossível

Quando falamos em amor, sempre pensamos no amor à pessoa amada, ou no amor a pais, irmãos, familiares e amigos. Mas pode o ser humano apaixonar-se com a mesma intensidade por um objeto ou por um hábito?

E o que fazer quando esse sentimento é confrontado com sentimentos como a crueldade e a perversidade?

A **conquista** do amor **impossível** – E1 (Locutor)

Cenário 1 – amor entre um casal – “Quando falamos em amor, **sempre** pensamos no **amor à pessoa amada,**”

E2 (marcas de 1ª. pessoa \ o locutor + alguém \ o leitor + alguém)

Cenário 2 – amor familiar e de amizade, fraternal – “**ou** no **amor a pais, irmãos, familiares e amigos.**”

E2 – (“ou” retoma a 1ª.pessoa \ o locutor + parentes e amigos ou o leitor + parentes e amigos)

Cenário 3 – amor por um objeto ou hábito – “**Mas pode** o ser humano **apaixonar-se** com a **mesma intensidade** por um **objeto** ou por um **hábito?**”

E1 (“pode” \ o locutor dirige-se ao leitor)

E o que **fazer** quando **esse sentimento** é **confrontado** com sentimentos como a **crueidade** e a **perversidade?**

E1 (“fazer” \ o locutor dirige-se ao leitor, trazendo à existência um conflito amoroso através da figura de um antagonista).

O lide acima tem o objetivo de preparar os leitores para a leitura da crônica “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, que trata da experiência apaixonada da autora com o livro, o hábito da leitura. Desse modo, no sentido de despertar o interesse, a curiosidade do aluno-leitor, que tem em média 14 anos, o Locutor (E1) escolhe a chamada “A **conquista** do amor **impossível**”, que remete o estudante a uma área de seu interesse: o amor, o namoro. Os **modalizadores** “conquista” e “impossível” tornam o texto ainda mais atraente, já que ao tema ‘amor’ é acrescentada uma pitada de emoção, desafio. Não é só uma conquista, é uma conquista de algo ‘difícil’, implica ‘lutas’, ‘confrontos’.

Ao analisar o texto do lide de forma global, verifica-se a presença de três cenários de amor: **cenário 1**, que traz à cena o amor entre duas pessoas, um casal (E2 – o locutor com alguém ou o leitor com alguém); o **cenário 2**, que se refere ao amor entre familiares e amigos (E2 – o locutor e familiares/amigos e o leitor e familiares/amigos) e o **cenário 3**, que trata do tipo de amor que será tematizado no momento posterior do

livro didático: o amor ao livro e à leitura, objeto e hábito. O locutor (E1) dirige-se ao leitor, sendo o “mas” a marca linguística que introduz a perspectiva desse enunciador.

Assim, o locutor, no 1º. período do lide, “Quando falamos em amor, **sempre pensamos no amor à pessoa amada,**” traz à cena o amor entre duas pessoas, observe que o leitor é inserido na cena através da marca de 1ª. pessoa do plural, evidencia-se de forma clara a intenção do locutor de transportar o jovem leitor ao mundo do amor romântico. Nesse sentido, o uso da 1ª. pessoa verbal surge ainda como uma estratégia de aproximação do leitor, consiste em um **índice polifônico** (E2 – o locutor ou o leitor + alguém), cuja importância é fundamental para construir uma identificação entre o locutor e o leitor-aluno).

Com relação ao **advérbio modalizador** “sempre” carrega em si um **pressuposto**: ‘Quando se fala de amor, não há expectativa de se tratar de outro tipo de amor a não ser o amor entre duas pessoas’. Consegue, desta forma, estabelecer uma identificação mais consistente com o alunado, já que o tema em questão é um dos seus favoritos.

É construída uma espécie de **gradação** para inserir no enunciado o tema que será trabalhado no capítulo do livro didático: ‘como que para não distanciar o aluno’. Desta forma, ao citar o amor aos familiares e amigos, anuncia ao seu interlocutor que o alvo não será sobre o **tema do ‘namoro’**, será o tema do amor a um hábito ou objeto. Entretanto a sua ‘frustração’ dura pouquíssimo tempo. Surge o **operador argumentativo modal** “mas” que exerce a sua função de ‘quebra de expectativa’: o **modalizador** cria, nesse contexto, uma nova expectativa para o leitor, que é posta através da pergunta: “**Mas pode** o ser humano apaixonar-se com a **mesma intensidade** por um objeto ou hábito?”

Assim, o locutor, ao lançar a pergunta, levou o seu interlocutor a um mergulho dentro de si próprio, reestabelecendo novamente a conexão com a emoção do namoro que é acionada no texto pela **expressão modalizada** “mesma intensidade”.

O **modalizador** “pode” faz alusão à **capacidade**, ao nível do ser ou do não ser, traz ao enunciado a **modalidade alética**, que trata do nível da existência das coisas: ‘Existe, pode existir paixão de um ser humano por um objeto ou hábito na **mesma proporção?**’ Há apenas duas respostas **pressupostas**: ‘sim ou não’. Contudo, existe aqui uma dissimulação da parte do locutor, porque na realidade apesar de ele apresentar o tema do amor a um objeto ou hábito, ele mantém o aluno o tempo todo na dimensão

do amor romântico. Está **subentendido**, portanto: ‘sim, pode existir amor a um hábito na proporção do amor entre um casal’. O locutor consegue ‘impedir um não como resposta’, porque opera uma transferência de sentimentos da esfera desse amor pessoal para a esfera do amor a um hábito ou objeto. A **expressão modalizadora** “esse sentimento”, na pergunta seguinte que encerra o texto, comprova esse impedimento do leitor, visto que ‘esse sentimento’ é o sentimento de amor por um objeto ou hábito, já posto como verdade factual pelo locutor.

Dessa forma, o locutor persuade o seu leitor-aluno de que ‘ele viverá a mesma emoção de um caso amoroso através da leitura da crônica “Felicidade Clandestina”’, **conteúdo subentendido**.

Afinal, o enunciado recupera o interesse – que fora disperso apenas por um segundo - e a curiosidade do leitor, que são intensificados através dos **substantivos modais** “crueldade” e “perversidade” presentes na oração interrogativa que encerra o lide: “E o que fazer quando **esse sentimento** é confrontado com sentimentos como a **crueldade** e a **perversidade**?”

A figura de um antagonista é inserida pelo locutor (E1) no final do texto. Ele é dotado de “crueldade e perversidade”, isto é, há também um vilão (ou vilã), ‘revela o locutor ao seu interlocutor’. O **conteúdo é pressuposto** através dos substantivos que representam um sujeito que é cruel e perverso.

O estudante, portanto, é remetido ao ambiente dos contos de fadas: aquele em que o amor parece impossível, mas tudo acontece de forma que, no final, há um final feliz!

Enfim, o lide tal como foi construído, provoca no leitor o **efeito de sedução** em relação à leitura posterior, ele é persuadido a viver a mesma emoção de um romance entre duas pessoas, através do amor entre uma pessoa e um hábito ou objeto.

Considerações Finais

Neste artigo, foram estudados os modalizadores, os índices polifônicos, os pressupostos e os subentendidos, como mecanismos que deflagram a ideologia presente no lide “A conquista do amor impossível”, que abre o Capítulo 1, da Unidade 2: Amor, do livro *Português Linguagem*.

Constatou-se que o locutor, responsável pelo discurso, gerou no enunciado um percurso de sentido com o intuito de persuadir o aluno-leitor de que a leitura da crônica de Clarice Lispector “Felicidade Clandestina”, cuja temática é o amor a um objeto ou hábito (o livro, a leitura), seria tão emocionante quanto à leitura de um texto sobre um caso amoroso.

A estratégia foi apresentar três tipos de amor (romântico, fraternal e por um objeto\hábito) com o objetivo de atrair o leitor a este último. Entretanto, na construção do sentido no texto, o locutor manteve o aluno na dimensão do amor romântico o tempo todo, um de seus ‘assuntos preferidos’, em função de sua faixa etária (14-15 anos).

O jogo manipulativo iniciou, portanto, com o título do lide “A conquista do amor impossível”, que despertou o interesse do leitor. Em seguida, a afirmativa, “Quando falamos em amor, sempre pensamos no amor à pessoa amada”, operou uma aproximação entre o locutor e o aluno através do uso de 1ª pessoa do plural “nós” e o uso do modalizador adverbial “sempre” completou o processo de identificação entre os sujeitos do discurso. Em momento seguinte, houve uma quebra de expectativa do leitor por meio do operador argumentativo “mas”, contudo uma nova expectativa de viver o amor foi inserida imediatamente através da própria pergunta lançada: “mas pode... apaixonar-se com a mesma intensidade por um objeto ou por um hábito?”. Esta levou o leitor a um mergulho dentro de si próprio, foi usado o verbo “poder”, modalidade alética, que se referiu ao nível da existência do ser, o que resultou em resposta do tipo “sim” ou “não”. E, uma vez ‘aprisionado’ emocionalmente no mundo do amor romântico, o aluno-leitor não teria outra opção senão responder ‘sim’. Enfim, o último movimento textual, após a aproximação entre a leitura da crônica de Clarice Lispector e um caso de amor, foi a sugestão da vivência da emoção própria do ambiente dos contos de fadas através dos modalizadores “crueldade” e “perversidade”, que trouxe à cena a figura de um vilão (ou vilã).

Assim, verificou-se que os modalizadores tiveram importância fundamental na imersão do enunciatário no mundo de seu interesse. Construíram o ambiente do amor romântico: “**conquista**”, amor “**impossível**”, “**sempre ... amor a pessoa amada**”, “**mas pode** um ser humano **apaixonar-se ... mesma intensidade**”, “**esse sentimento**” e “**crueldade e perversidade**”.

O estudo da polifonia revelou a presença de um Locutor, que trouxe o seu interlocutor, o aluno-leitor, para o mundo do amor a um objeto ou hábito (livro \ leitura)

através principalmente do processo de identificação e aproximação estabelecidos pelo uso da 1ª.pessoa do plural.

Quanto aos pressupostos estiveram presentes ao lado da modalização, isto é, foram revelados através dos modalizadores “sempre”, “pode” “esse sentimento” e “crueldade e perversidade” e tiveram fundamental importância no processo de persuasão do interlocutor.

Assim, na construção ideológica do lide, ficou subentendido que o aluno-leitor não teria interesse pelo tema do amor a um objeto ou hábito, o que levou o enunciador (E1) a buscar mecanismos para despertar o seu interesse e curiosidade. O fato sinaliza para a projeção de um locutor, que se apresenta como um ‘conhecedor’ da realidade de pensamentos dos jovens estudantes do 9º.ano e denota um ‘julgamento’, uma visão estigmatizada a respeito do hábito da leitura na sociedade atual.

Referências

ANDRADE, Maria Cláudia Ribeiro de. *A modalidade nos discursos da mídia e do Sindicato dos Mestres Arrais como estratégia de construção da face*. Trabalho de pesquisa realizado para o PIBIC/CNPq, sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Nívia Roncarati de Souza, UFF, 1998. Mimeo.

_____. *As orações adverbiais e suas implicações semânticas*. Monografia elaborada para a disciplina Português III, UFF, 1997. Mimeo.

_____. *Índices polifônicos e de adesão do locutor: a construção da constitucionalidade do sistema de cotas sob o viés da (ANL)*. Artigo científico de doutorado, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, para a disciplina Gênero, Gramática e Ensino: aspectos discursivos e semânticos, UFF, 2011, Mimeo.

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 11ª.ed., São Paulo: Ática, 2000.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BAHIA, Magda (Bahia) Schlee de Brito Fernandes.(2008). *A modalidade em português: uma abordagem sistêmico-funcional das orações principais*. Rio de Janeiro, UERJ, Tese de Doutorado. Mimeo.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBISAN, L.B.; TEIXEIRA, M. T. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. *Organon*, UFRGS, Instituto de Letras: Porto Alegre, RS, v.16, n 32 e 33, 2002.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 5ª ed., São Paulo: Ática, 1995.

CAVALIERE, Ricardo. *Palavras denotativas e termos afins – uma visão argumentativa*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira, de & CASTILHO, Célia. M. M. de. “Advérbios modalizadores”. In ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado. Volume II: níveis de análise linguística*. São Paulo: UNICAMP, 1992.

CEREJA, Willian Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens*. 6ª.ed., São Paulo: Atua, 2010.

CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. 30 ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

CRESTANI, Luciana Maria. *Aproximações entre semiótica greimasiana e teoria dos blocos semânticos*. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/11_luciana_crestani.htm>. Acesso em outubro de 2010.

DELANOY, Cláudio Primo. *A inexistência do sentido literal das palavras pela visão da Teoria da Argumentação na Língua*. Disponível em: http://www.edipucrs.com.br/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Letras/83457-CLAUDIO_PRIMO_DELANOY.pdf

DICIONÁRIO PRIBERAM DE LÍNGUA PORTUGUESA. Acesso em 01/12/12, 20h: <http://www.priberam.pt/dlpo/>

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas*. São Paulo: Global Universitária, 1981.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 17ª ed., Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1985.

ILARI, Rodolfo. “Sobre os advérbios aspectuais”. In ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado – Volume II: níveis de análise linguística*. São Paulo: UNICAMP, 1992.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 4ª ed., São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *Gramática do português falado – vol. V: desenvolvimentos*. São Paulo: Unicamp, 2002.

_____. *O texto e a construção do sentido*. São Paulo: 1998.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *Semântica e argumentação: diálogo com Oswald Ducrot* Entrevista. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000100008&script=sci_arttext

NEVES, Maria Helena de Moura. “A modalidade”. In KOCH, I. G. V. (Org.) *Gramática do português falado - Volume VI: Desenvolvimentos*. São Paulo: UNICAMP, 1996.

_____, Gramática de usos do português. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. “Imprimir marcas no enunciado. Ou: A modalidade na linguagem”. In *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2011.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. *Dicionário de Comunicação*. 2ª. ed. [ver. e atual.]. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

REBELLO, Adriana Leite do Prado (2008). *O uso do imperfeito do indicativo pelo futuro do pretérito no ensino de português para estrangeiros*. Niterói, UFF, Tese de Doutorado. Mimeo.

RÖRIG, Cristina. *A enunciação na teoria da argumentação na língua*. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Letras/72179-CRISTINA_RORIG.pdf>. Acesso em: julho de 2011.

SANTA’ANA, Rivânia Maria Trotta; DIAS, Luiz Francisco. *O dizer nas perspectivas de Austin, Grice e Ducrot*. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1416.pdf> Acesso em outubro de 2011.

SERRA, Paulo. *Retórica e Argumentação*. Disponível em: http://www.bocc.uff.br/pag/jpserra_retorica.pdf Acesso em outubro de 2011.

VOGT, Carlos. *O intervalo semântico*. Contribuição para uma semântica argumentativa. São Paulo: Ática, 1977.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_afirmativa. Acessado em 01/12/12, às 21h.

WILLIAM, Roberto Cereja; MAGALHÃES, Thereza Cochar. “Moda tem de parar de sacrificar modelos”. In *Português Linguagens*. São Paulo: Atual, 2010.

Notas

ⁱ Lide tomado no sentido específico do inglês *lead*: “que significa ‘comando’, ‘primeiro lugar’, ‘liderar’, ‘guiar’, ‘induzir’, ‘encabeçar’”. RABAÇA; BARBOSA, 1978, p.279.